

TRANSFORMAÇÕES DO TERRITÓRIO E ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO NO NORTE FLUMINENSE: IMPACTOS NA DINÂMICA MIGRATÓRIA

Pedro Gomes Andrade (ENCE)
pedrogandrade@yahoo.com.br
César Marques (ENCE)
cesarmcs@gmail.com

Introdução

Há consenso entre os especialistas sobre a constatação de que, a partir dos anos 1980, ocorrem acentuadas transformações nos volumes, fluxos e características dos movimentos migratórios no Brasil, sintetizados num menor crescimento das suas principais metrópoles (Rio de Janeiro e São Paulo), numa maior predominância de migrações a curta distância e intra-regionais, numa incidência acentuada de migrações de retorno - sugerindo uma circularidade de movimentos -, na tendência a um crescimento de cidades de porte médio e na configuração generalizada de periferias no entorno dos centros urbanos maiores, nas distintas regiões do país (PATARRA, 2003).

De modo geral, desde a clássica publicação de Ravenstein (1980), passando pelos trabalhos da econômica neoclássica de Lee e Todaro, o mercado de trabalho e o dinamismo econômico tem sido apontados como um dos principais elementos a mobilizar os fluxos migratórios. As afirmações de Todaro (1969), por exemplo, destacam que os desequilíbrios regionais que geram a migração são tanto a dinâmica das taxas de emprego como os níveis salariais das regiões de origem e destino. Deste modo, a atratividade da região pode ser definida quando o número de entradas é superior ao número de saídas, refletindo como as regiões de destino oferecem perspectivas (reais ou imaginárias) relacionada a diversos objetos de desejo, muitas vezes ligados a busca por melhores condições de vida.

Partindo do pressuposto de que o dinamismo econômico pode influenciar na permanência ou na decisão de migrar de um indivíduo, o artigo tem por objetivo mensurar um conjunto de indicadores relacionados a migração nas escalas intraestadual no estado do Rio de Janeiro e intramesorregião na mesorregião Norte Fluminense, no período entre 2005 e 2010, afim de mensurar o fluxo migratório nessas duas escalas. Além disso, o trabalho pretende caracterizar os fluxos pendulares dentro da região Norte Fluminense. Estes dados relativos à

mobilidade cotidiana permitem a melhor compreensão da dinâmica habitacional e do mercado de trabalho regional.

O trabalho será estruturado em 7 sessões, além desta introdução, a segunda sessão apresentará os aspectos teóricos da relação entre território- migração; a terceira sessão apresenta uma breve caracterização da região de estudo, utilizando indicadores socioeconômicos e demográficos para caracterizar a região; a quarta sessão apresentará os materiais e métodos, abordando detalhes da base de dados e dos indicadores relacionados a migração a serem estimados para reunir argumentos a respeito do dinamismo econômico das regiões estudadas, a quinta e a sexta sessão apresentam os principais resultados obtidos relacionado ao fluxo de migrantes entre as mesorregiões do estado do Rio de Janeiro e nos municípios que compõem a mesorregião Norte Fluminense; e os resultados relacionados a mobilidade cotidiana; e por fim as considerações finais.

Aspectos teóricos da relação território-migração

Desde a elaboração das sete leis gerais da migração, propostas por Ravenstein no final do século XIX (RAVENSTEIN, 1980), o cenário territorial e econômico foi amplamente modificado. Durante o século XX e início do XXI a industrialização se dispersou rapidamente, a população mundial se concentrou majoritariamente em espaços urbanos, que também concentram grande parte do capital produtivo e agregam as instâncias de poder, e as relações campo-cidade já passaram por inúmeras modificações. Nesse cenário, as migrações durante o século XXI foram extremamente diversas, tanto em relação à sua natureza, intensidade e direção.

No período houveram avanços significativos na quantidade e qualidade dos dados sobre a migração, porém ainda há lacunas acerca das teorias sobre a migração, não havendo grande consenso no plano teórico. Por outro lado, isso não significou uma ausência desse debate. Pelo contrário, a produção brasileira e internacional sobre o tema foi grande, como pode ser visto no trabalho de Mattos (2011), Brito (2007), Bilsborrow (2011) e Santos *et al.* (2008). De modo geral, tais obras discutem as contribuições mais clássicas ao entendimento do fenômeno migratório, baseadas nas obras de Ravenstein, Lee, Todaro, Germani e Singer.

Ravenstein (1980) busca as regularidades sobre a migração utilizando dados de mais de 20 países, explorando o cenário econômico demográfico do final do século XIX. Suas conclusões são, portanto, contextuais e datadas. O pesquisador notou uma série de leis sobre tais movimentos, que basicamente são reflexos do balanço entre excesso e falta de mão de

obra em diferentes regiões. Nos locais de origem, face à fatores de repulsão, seria estabelecido o local de partida de migrantes face às áreas de destino, que por sua vez exercem atração.

Lee (1966) parte de Ravenstein para definir a migração como fenômeno entre áreas de origem e destino, dentre os quais existem os obstáculos intervenientes. As migrações seriam explicadas por certa “contabilidade” do possível migrantes, entre os fatores positivos da área de atração e os negativos da área de origem. Para que a migração ocorresse, tal balanço deve ser favorável à área de destino.

Todaro (1969) escreve da perspectiva da teoria microeconômica neoclássica, assumindo que as pessoas são racionais, que definem suas preferências hierarquicamente e capazes de através de cálculos, maximizar a utilidade de suas escolhas. Para os movimentos migratórios, Todaro coloca que os migrantes existem pois conhecem os diferenciais de renda entre áreas de residência atual e de destino, e conseguem estimar os custos da mudança e calcular um retorno positivo em função da sua migração. Para o autor os movimentos migratórios seriam explicados, portanto, em função dos diferenciais nos níveis de salário e das taxas de ocupação entre duas áreas.

Do ponto de vista sociológico, Germani (1974) analisa a migração como um mecanismo na passagem da sociedade tradicional para a sociedade moderna. Nesse sentido sua ênfase está em analisar as migrações do tipo rural-urbano, que ocorrem a partir do momento em que a sociedade tradicional é “desestabilizada”. A partir desse processo o campo perde as condições de retenção populacional, e as cidades emergem como lócus de atração. Os processos migratórios são entendidos como reflexos do mercado de trabalho, mas não se limitam a esse aspecto, sendo parte de um amplo processo de mudança social.

Já Singer (1980) relaciona os padrões migratórios a etapa predominante do desenvolvimento industrial. Dada a redistribuição espacial da industrialização, da economia e as mudanças técnicas na industrialização, as migrações são uma das respostas demográficas que permite o desenvolvimento do capitalismo. Mais que isso, ela corresponde ao movimento espacial de classes sociais que permite as mudanças no desenvolvimento. Com essa perspectiva é necessária a análise dos processos globais no qual a industrialização se insere, e não simplesmente nas dinâmicas das áreas de origem e de destino, tal qual se considere seu caráter histórico, em termos temporais.

Como Bilsborrow (2011) denota, tais avanços foram importantes para o entendimento das migrações, principalmente pela multiplicidade de possibilidades teóricas. Somam-se a eles mecanismos recentes que tratam de relacionar a migração às redes sociais, as

estratégias domiciliares de sobrevivência e às teorias de capital humano. De modo geral houve avanços importantes nas contribuições teóricas da migração, feitos basicamente a partir de dados empíricos. De outro modo há também um reconhecimento sobre as novas dinâmicas da migração, dadas as transformações da estrutura produtiva e da economia.

Nesse contexto, o Brasil passa a ter novas configurações migratórias, com redução dos fluxos migratórios de longa distância e, a despeito da continuidade de áreas consolidadas na absorção de migrantes (como São Paulo e Rio de Janeiro), surgiram novos pólos de absorção no âmbito inter e intra-regional. Assim, a migração de pequenas distâncias tem aumentado seu vigor, com mudança do paradigma de evasão e atração pelos conceitos de perda, absorção e rotatividade migratória (Baeninger, 2011). É nesse debate que o presente artigo se circunscreve.

O Norte Fluminense

O território fluminense é dividido em seis mesorregiões geográficas: Baixadas, Centro Fluminense, Metropolitana do Rio de Janeiro, Noroeste Fluminense, Norte, Fluminense e Sul Fluminense. A mesorregião Norte Fluminense coincide com a Região de Governo do Estado, de mesmo nome, e é composta pelos municípios: Campos dos Goytacazes, Carapebus, Cardoso Moreira, Conceição de Macabu, Macaé, Quissamã, São Fidélis, São Francisco de Itabapoana e São João da Barra, conforme é apresentado na Figura 1.

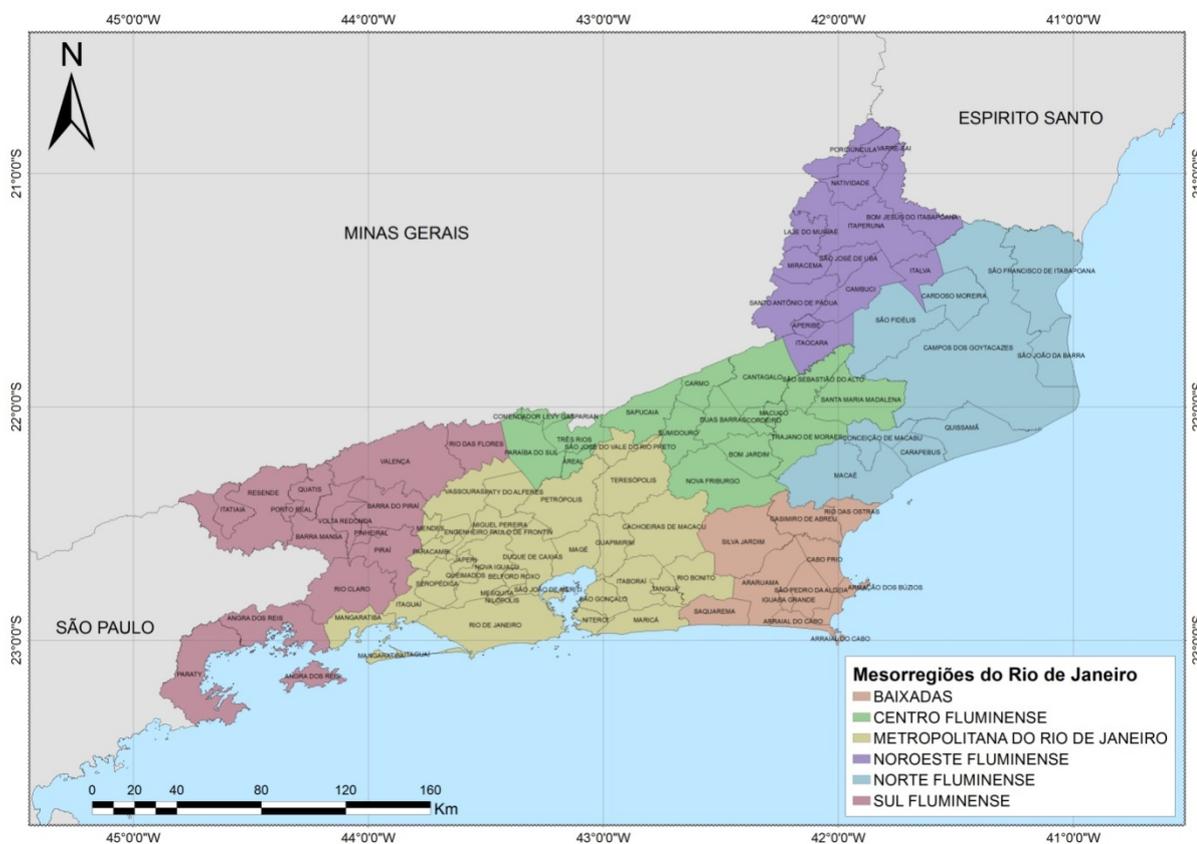


Figura 1: Composição municipal das mesorregiões do estado do Rio de Janeiro

Fonte: Malhas territoriais de 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A distribuição populacional da UF está disposta na Tabela 1. A população do estado do Rio de Janeiro está bastante concentrada na Região Metropolitana, que se em termos relativos perdeu o ímpeto de seu crescimento em relação a outras regiões, como o Norte, o Sul Fluminense e, principalmente, as Baixadas, ainda mantém um peso relativo alto. Além disso, a Região Norte foi a única que registrou aumento do ritmo do crescimento populacional no período 1991-2010.

Tabela 1 - População Residente e Taxa de Crescimento - Estado do Rio de Janeiro e Mesorregiões, nos anos de 1991, 2000 e 2010

Estado /Mesorregião	População por ano			Taxa Geométrica de Crescimento Populacional Anual (1991/2000) (%)	Taxa Geométrica de Crescimento Populacional Anual (2000/2010) (%)
	1991	2000	2010		
Rio de Janeiro	12.807.197	14.392.106	15.989.929	1,30	1,06
Noroeste Fluminense	273.063	297.837	317.493	0,97	0,64
Norte Fluminense	611.577	699.292	849.515	1,50	1,97
Centro Fluminense	425.377	452.646	481.357	0,69	0,62

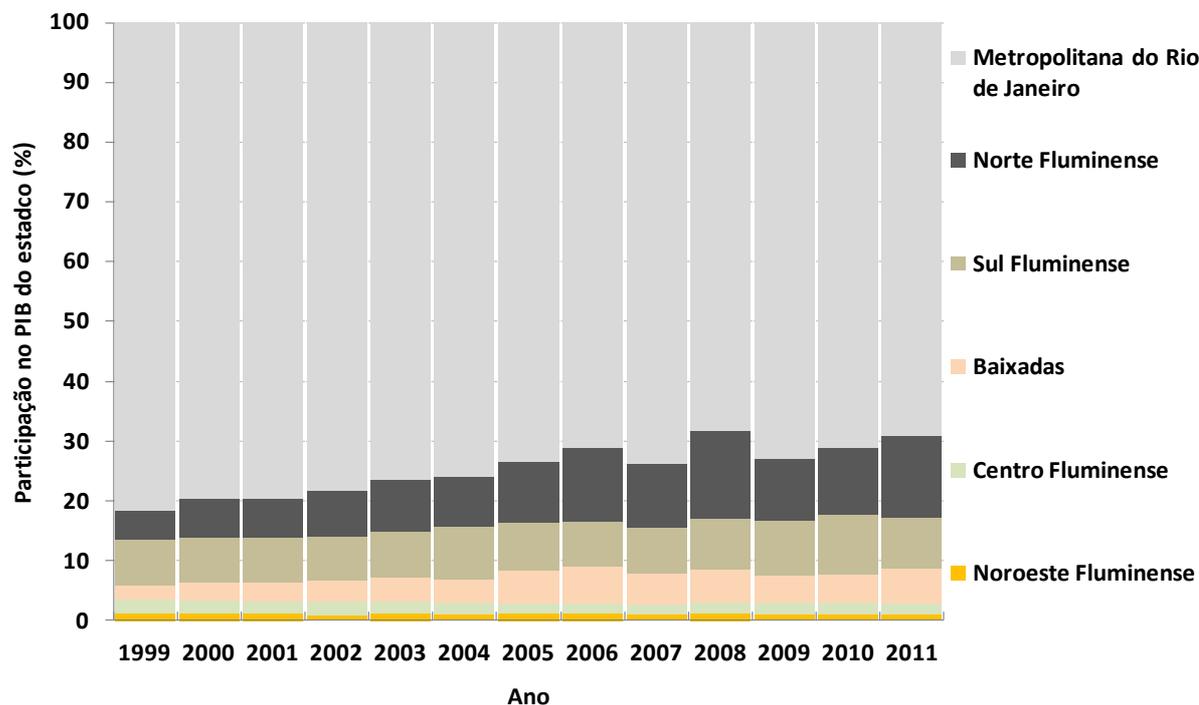
Baixadas	303.988	462.325	700.842	4,77	4,25
Sul Fluminense	803.753	933.983	1.062.237	1,68	1,30
Metropolitana do Rio de Janeiro	10.389.439	11.546.023	12.578.485	1,18	0,86

Fonte: Dados da Amostra dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A região Norte Fluminense passou por muitas mudanças no contexto econômico e populacional, fruto, sobretudo da reorientação espacial dos investimentos. A predominância da agroindústria açucareira na região passou a perder destaque, dando lugar ao petróleo e gás natural, assumindo importante papel na economia regional e estadual.

Na primeira década do século XXI a região Norte Fluminense emergiu como potencial pólo econômico do estado, decorrente de desdobramentos de investimentos, com destaque para o município de Macaé (MEDEIROS JÚNIOR, 2013; SILVA, 2006). Esta constatação pode ser observada através do aumento da participação da região Norte Fluminense no Produto Interno Bruto (PIB) estadual, ao longo da década de 2000, e início da década de 2010, conforme pode ser observado no Gráfico 1. Apesar da região metropolitana do Rio de Janeiro ainda possuir elevada concentração econômica e de recebimento de investimentos, existe um direcionamento para região Norte do estado, motivado pela exploração petrolífera na Bacia de Campos. A região torna-se atrativa para novas oportunidades de negócios, gerando novos postos de trabalho. Exemplo disso é a chegada de empresas como Chevron e OGX em Campos dos Goytacazes, a criação da Usina Termoelétrica de Açú e o Complexo Portuário de Açú em São João da Barra (MEDEIROS JÚNIOR, 2013).

Gráfico 1- Série histórica da participação das mesorregiões no Produto Interno Bruto (PIB) do estado do Rio de Janeiro, anos 1999 a 2011



Fonte: Produto Interno Bruto dos Municípios, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A produção de petróleo e gás natural, extraídos da Bacia de Campos, gerou um incremento nas receitas dos municípios do Norte Fluminense, principalmente de Campos dos Goytacazes, Macaé, Quissamã, São João da Barra e Carapebus, oriundo do recebimento dos *royalties*. A chegada dos *royalties* gerou um incremento significativo nos orçamentos das prefeituras dos municípios que compõem a zona de produção. Pires Neto e Ajara (2006) ressaltam que este processo gerou um movimento emancipacionista de criação de novos municípios no Norte Fluminense, desmembrados de áreas de municípios que integram a zona de produção principal. Foram criados os municípios de Cardoso Moreira (desmembrado de Campos dos Goytacazes), Quissamã e Carapebus (desmembrados de Macaé) e São Francisco de Itabapoana (desmembrado de São João da Barra).

Em 2012, a região Norte Fluminense concentrava cerca de 51% da arrecadação de *royalties* do petróleo e gás natural do estado, correspondendo a quase 2,3 trilhões de reais. No contexto regional, a cidade de Campos dos Goytacazes conta com a maior arrecadação, conforme pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2 - Arrecadação de Royalties do petróleo e gás natural, segundo Mesorregião e municípios da Região Norte Fluminense, por ano (2006-2012)

Mesorregião e municípios	Arrecadação dos Royalties (R\$ 1.000)						
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Região Norte Fluminense	1.451.669	1.325.743	2.040.973	1.527.570	1.889.001	2.057.864	2.293.417
Campos dos Goytacazes	847.868	765.251	1.180.154	882.988	1.097.472	1.187.646	1.343.757
Carapebus	33.077	28.436	35.562	22.660	29.384	33.876	39.017
Cardoso Moreira	3.664	2.937	4.174	3.309	3.901	4.782	5.828
Conceição de Macabu	4.163	3.338	4.743	3.760	4.433	5.586	6.888
Macaé	413.116	349.105	505.690	355.561	447.325	475.109	542.608
Quissamã	85.042	122.933	151.485	91.537	92.536	92.489	106.976
São Fidélis	4.996	4.005	5.691	4.513	5.319	6.520	7.947
São F. de Itabapoana	5.162	4.139	5.881	4.663	5.497	6.738	8.212
São João da Barra	54.581	45.598	147.592	158.579	203.134	245.116	232.183

Fonte: Agência Nacional de Petróleo (ANP), Fundação CEPERJ.

Nesse sentido, dois municípios se destacam na Região Norte Fluminense: Campos dos Goytacazes e Macaé. Campos dos Goytacazes exerce função polarizadora sobre o Norte e o Noroeste Fluminenses, conforme discutido mais a frente. Historicamente, a cidade, desenvolveu-se com a economia açucareira, fundamental na difusão do povoamento por ambas as Regiões e ainda hoje, o cultivo da cana e a produção do açúcar/álcool são destaques na economia do município. Estes setores se modernizam através da mecanização e da concentração da produção, tornando a região um pólo de atração de migrantes. Macaé, até um passado recente, baseava sua economia na agroindústria, apoiada na cana-de-açúcar. Com o aumento das atividades ligadas à extração do petróleo e do gás natural da Bacia de Campos ela despontou como um pólo regional, e, conseqüentemente, nos últimos anos vem registrando acelerado crescimento populacional (vide Tabela 3). O incremento no dinamismo econômico destas regiões afeta também suas regiões limítrofes, muitas vezes tornando-se regiões atrativas como alternativa de moradia, como pode ser o caso de Carapebus, município vizinho de Macaé que também apresenta crescimento populacional acelerado (Tabela 3). Cabe destacar que o município de Macaé teve os maiores índices no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e suas componentes na mesorregião Norte Fluminense (Tabela 4).

Tabela 3 - População Residente e Taxa de Crescimento, Mesorregião Norte Fluminense e Municípios, nos anos de 2000 e 2010

Mesorregião/Municípios	População por ano		Taxa Geométrica de Crescimento Populacional Anual (2000/2010) (%)
	2000	2010	
Norte Fluminense	699.292	849.515	1,97
Carapebus	8.666	13.359	4,42
Campos dos Goytacazes	407.168	463.731	1,31
Cardoso Moreira	12.595	12.600	0,01
Conceição de Macabu	18.782	21.211	1,22
Macaé	132.461	206.728	4,55
Quissamã	13.674	20.242	4,00
São Fidélis	36.789	37.543	0,20
São Francisco de Itabapoana	41.475	41.354	-0,03
São João da Barra	27.682	32.747	1,69

Fonte: Dados da Amostra dos Censos Demográficos de 2000 e 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Tabela 4 – Índice de Desenvolvimento Humano e suas componentes segundo municípios pertencentes a mesorregião Norte Fluminense, nos anos de 2000 e 2010

Município	Geral		Renda		Longevidade		Educação	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Campos dos Goytacazes	0,618	0,716	0,662	0,715	0,751	0,830	0,474	0,619
Carapebus	0,579	0,713	0,629	0,699	0,724	0,805	0,426	0,644
Cardoso Moreira	0,520	0,648	0,596	0,653	0,701	0,782	0,336	0,534
Conceição de Macabu	0,615	0,712	0,641	0,698	0,731	0,806	0,497	0,642
Macaé	0,665	0,764	0,737	0,792	0,751	0,828	0,531	0,681
Quissamã	0,561	0,704	0,62	0,698	0,724	0,821	0,394	0,61
São Fidélis	0,590	0,691	0,636	0,685	0,735	0,787	0,440	0,611
São Francisco de Itabapoana	0,503	0,639	0,586	0,618	0,735	0,791	0,295	0,533
São João da Barra	0,548	0,671	0,609	0,686	0,737	0,800	0,367	0,551

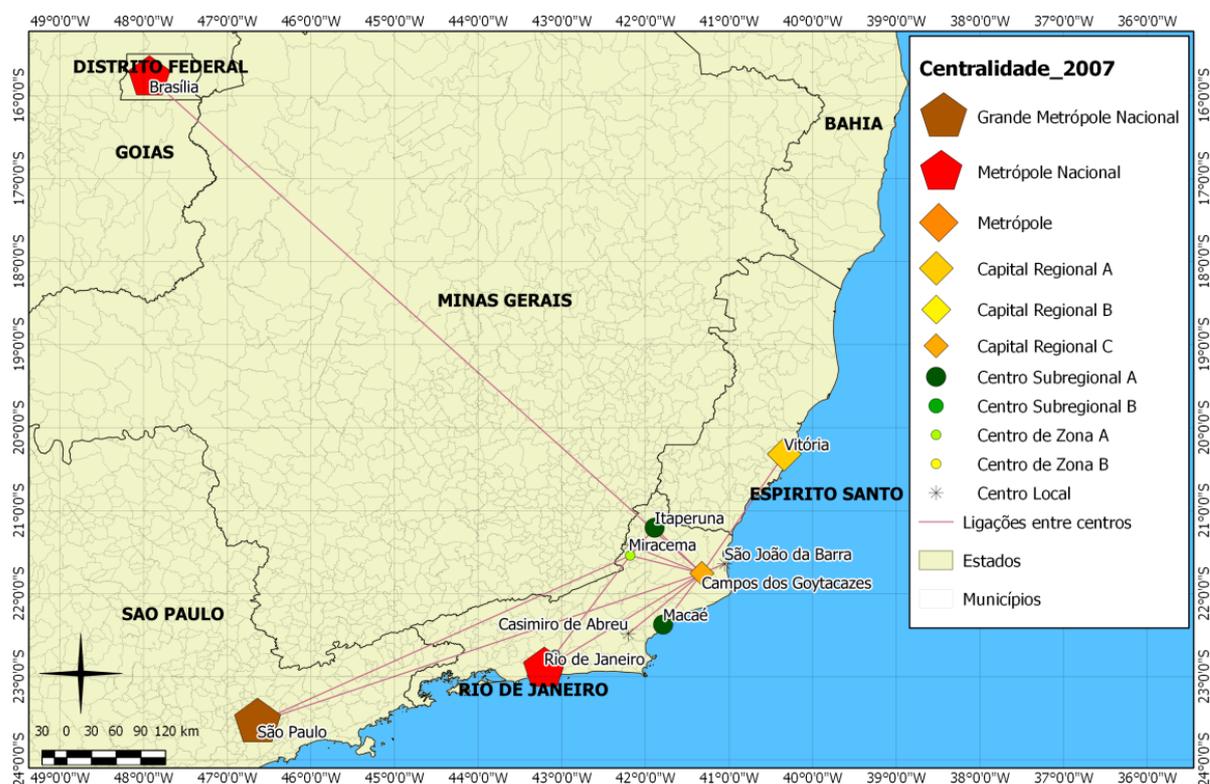
Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano 2013, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

De acordo com a pesquisa REGIC - Regiões de influência das Cidades, (IBGE, 2007), as regiões de Campos dos Goytacazes e Macaé foram classificadas como regiões de maior centralidade na área correspondente a mesorregião Norte (Figura 2). Este estudo tem o objetivo de conhecer os relacionamentos entre as cidades brasileiras com base na análise dos fluxos de bens e serviços, a partir da definição de uma hierarquia dos centros urbanos e delimitação das regiões de influência a eles associadas a partir dos aspectos de gestão federal e empresarial e da dotação de equipamentos e serviços, de modo a identificar os pontos do território a partir dos quais são emitidas decisões e é exercido o comando em uma rede de cidades. A hierarquização das cidades brasileiras feita pela pesquisa adota a seguinte

classificação: 1A: Grande Metrópole Nacional; 1B: Metrópole Nacional; 1C: Metrópole; 2A: Capital Regional A; 2B: Capital Regional B; 2C: Capital Regional C; 3A: Centro sub-regional A; 3B: Centro sub-regional B; 4A: Centro de zona A; e 4B: Centro de zona B (REGIC 2009).

De acordo com dados da REGIC sintetizados na Figura 2, a região de Campos dos Goytacazes é categorizada como uma das setenta Capitais Regionais (classificada no nível C), exercendo área de influência de âmbito regional, sendo referidas como destino para um conjunto de atividades, por grande número de municípios. Já a cidade de Macaé aparece como Centro Sub-regional (de nível A). Integram esta categoria 169 centros com atividades de gestão menos complexas e seus relacionamentos com centros externos à sua própria rede se dão, em geral, apenas com as três metrópoles nacionais (IBGE, 2007).

Figura 2 - Hierarquia das centralidades urbanas para cidades da mesorregião Norte Fluminense que possuem maior centralidade, ano 2007



Fonte: Malha municipal de 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Regiões de Influência das Cidades 2007 (REGIC).

Deste modo, os resultados apresentados ajudam a corroborar para a ideia de que a região Norte Fluminense desponta como uma região atrativa para migrantes, principalmente considerando sua dinâmica econômica e no plano da rede de cidades. Através da REGIC é possível observar as cidades que, na escala regional, são pólos regionais de atração de migrantes, como por exemplo, São João da Barra, Campos dos Goytacazes e Macaé.

Materiais e Métodos

De acordo com Golgher (2004), as mudanças no ritmo de crescimento da população são consequência da dinâmica dos três componentes demográficos: fecundidade, mortalidade e migração. Por não possuir um componente biológico e ser realizada diversas vezes durante o ciclo de vida, a migração é a mais difícil de definir, sendo genericamente pensada como “uma mudança permanente de local de residência”. Em geral, três quesitos são necessários na delimitação do fenômeno migratório: a temporalidade, a localidade e o conceito de migração. Neste trabalho, serão consideradas migrantes todas as pessoas que mudaram de residência, na escala municipal e de mesorregião, dentro do território nacional, cinco anos antes da data de referência do Censo Demográfico de 2010. Tais informações são comumente denominadas como relativas ao quesito de “data-fixa”.

Rigotti (1999) ressalta que os censos demográficos possibilitam análises de acordo com o local de residência a partir dos níveis de desagregação espacial previamente definidos: município, estado, região e país. As análises a partir do censo possibilitam utilizar o local de residência em uma data fixa anterior, conhecido como migração de data fixa, compreendendo o período de 5 anos. Cabe ressaltar que este tipo de informação pode conter alguns erros, como de memória, porque quem responde ao censo não é necessariamente a própria pessoa para quem as informações estão sendo prestadas. Ainda sobre o quesito de data fixa outros problemas podem: ser a definição de residência permanente na percepção do morador e moradores ausentes, mas residentes.

Algumas das grandes vantagens de se utilizar o censo é que ele permite o cálculo de todas as medidas convencionais da migração: imigrantes, emigrantes e saldo migratório; possibilitando o cruzamento de informações socioeconômicas e demográficas. Além disso, os locais de origem/destino podem ser conhecidos, o período dentro do qual ocorre a migração pode ser determinado e o conceito de migrante é facilmente definido.

As informações relacionadas à migração serão obtidas tomando como base a data de referência do Censo Demográfico de 2010, dia 31 de julho de 2010 e a tabulação dos microdados da amostra foi realizada pelo software SPSS v19. A utilização do censo se deve por ser a principal fonte nacional de informações para migração, mas cabe ressaltar que o censo de 2010 possui algumas limitações e atenções que deve-se ter do ponto de vista de análise, sendo elas: o censo capta informações apenas dos migrantes sobreviventes; deve-se ter atenção nas estimativas geradas, atentando-se para as possíveis migrações de retorno, que podem mascarar os indicadores; o censo produz informações do momento atual e não de

quando o migrante decidiu migrar; a maioria das perguntas não tem caráter retrospectivo e as características dos migrantes são referentes a data de referência do censo e não de quando decidiram migrar.

Desta forma, o presente trabalho utilizará como base do estudo a migração de data fixa, que viabiliza a construção da matriz de migrações intraestadual, entre as mesorregiões do estado e intramunicipal entre os municípios pertencentes a mesorregião Norte Fluminense; além de possibilitar a utilização de informações a mobilidade cotidiana. Outras análises a serem feitas, com o objetivo de mensurar o fluxo migratório, consistem na utilização de indicadores como: saldo migratório (ou migração líquida), taxa bruta de migração e o Índice de Eficácia Migratória.

O Índice de Eficácia Migratória pode ajudar a resumir o fluxo migratório das regiões, apresentando uma ideia de dinamismo econômico da região. Sua fórmula de cálculo é definida da seguinte forma: $IEM = (I - E)/(I + E)$, ou seja, consiste na razão entre a taxa líquida de migração (no numerador) e a taxa bruta de migração (no denominador). Esta medida pode ser utilizada para mensurar o volume e intensidade da mobilidade espacial numa região. A interpretação deste índice sugere a “prevalência” de um fator (emigração e imigração) sobre outro e pode ser calculado para a migração em seus diversos níveis espaciais (interestadual, intraestadual e intraregional). Valores próximo a 1 indicam áreas de alta atração migratória, valores próximos a -1 áreas de alta evasão e valores próximos a 0 áreas de circulação migratória.

Os fluxos migratórios intraestadual e intramesorregião no Norte Fluminense

Nesta etapa são apresentados os indicadores relacionados à migração para captar os fluxos migratórios dentro do estado, entre suas mesorregiões e dentro da mesorregião Norte Fluminense, entre seus municípios.

Conforme pode ser observado na Tabela 5, na escala intraestadual, a única mesorregião com saldo migratório positivo foi a região das Baixadas e a com maior saldo migratório negativo foi a mesorregião Metropolitana. A mesorregião das Baixadas registrou o maior IEM dentre as mesorregiões do estado, indicando que é a região que possui a maior capacidade de absorção de população e a mesorregião Metropolitana do Rio de Janeiro o menor IEM, seguida da mesorregião Noroeste Fluminense, indicando áreas de evasão populacional. Cabe ressaltar que a região Norte Fluminense também registrou IEM negativo.

Tabela 5—Indicadores de Migração de data fixa (2005/2010), intraestadual no estado do Rio de Janeiro

Mesorregião	Imigrantes	Emigrantes	Imigrantes (%)	Emigrantes (%)	Saldo Migratório	Migração bruta	IEM
Noroeste Fluminense	7.519	23.312	2,37	7,34	-15.793	30.831	-0,51
Norte Fluminense	22.740	53.457	2,68	6,29	-30.717	76.197	-0,40
Centro Fluminense	11.702	29.478	2,43	6,12	-17.776	41.180	-0,43
Baixadas	80.669	44.609	11,51	6,37	36.060	125.278	0,29
Sul Fluminense	16.983	49.478	1,60	4,66	-32.495	66.461	-0,49
Metrop. do Rio de Janeiro	36.869	483.654	0,29	3,85	-446.785	520.523	-0,86

Fonte: Dados da Amostra do Censo Demográfico de 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com a Tabela 6, pode-se observar que a maior parte dos migrantes data fixa, intraestaduais (RJ) que estava na mesorregião Norte em 2010, residiam em 2005 na mesorregião das Baixadas e do Noroeste Fluminense. Já os emigrantes de data fixa, intraestaduais do Rio de Janeiro, que residiam na mesorregião Norte Fluminense no ano de 2005 optaram pelas Baixadas e a Região Metropolitana.

Tabela 6—Matriz de fluxos migratórios de data fixa (2005/2010), de origem e destino intraestadual no estado do Rio de Janeiro

Mesorregião de residência em 31 de julho de 2010	Mesorregião de residência em 31 de julho de 2005						Total
	Noroeste Fluminense	Norte Fluminense	Centro Fluminense	Baixadas	Sul Fluminense	Metropolitana do Rio de Janeiro	
Noroeste Fluminense	-	1.376	529	500	118	4.996	7.519
Norte Fluminense	2.480	-	1.230	3.477	557	14.996	22.740
Centro Fluminense	1.043	912	-	626	569	8.552	11.702
Baixadas	3.095	11.012	2.893	-	1.264	62.405	80.669
Sul Fluminense	153	461	806	345	-	15.218	16.983
Metrop. do Rio de Janeiro	2.482	7.335	5.443	10.230	11.379	-	36.869
Total	23.312	53.457	29.478	44.609	49.478	483.654	683.988

Fonte: Dados da Amostra do Censo Demográfico de 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Pode-se observar, de acordo com a Tabela 7, que os municípios com maior número de imigrantes de data fixa intramesorregião foram: Macaé, seguido de Campos dos Goytacazes e São João da Barra. Estes também foram os municípios com maior número de emigrantes data fixa, com apenas a mudança de posições no ranking entre Campos dos Goytacazes e Macaé. Ainda de acordo com a Tabela 7, que o município que teve o maior saldo migratório negativo foi Campos dos Goytacazes, indicando que existe um número maior de saídas que de entradas; e positivo foi Macaé, indicando o inverso. O município que teve maior migração bruta (imigrantes somado a emigrantes) foi Campos dos Goytacazes, deste modo, este é o município que apresenta o maior fluxo migratório data fixa intramesorregião.

O município de Carapebus, possuía em 2010, 7,37% de sua população composta de imigrantes de data fixa e era o município com maior IEM da mesorregião Norte Fluminense. Já o município de Campos dos Goytacazes registrou o menor IEM.

Tabela 7 – Saldo migratório de data fixa (2005/2010), calculado a partir da matriz de migração intramesorregião no Território da Cidadania Norte – RJ, ano 2010

Município	Imigrantes	Emigrantes	Imigrantes (%)	Emigrantes (%)	Saldo Migratório	Migração Bruta	IEM
Carapebus	985	229	7.37	1.71	756	1.214	0.62
Campos dos Goytacazes	2.032	6.204	0.44	1.34	-4.173	8.236	-0.51
Cardoso Moreira	252	278	2.00	2.21	-26	530	-0.05
Conceição de Macabu	501	556	2.36	2.62	-55	1.057	-0.05
Macaé	3.780	2.266	1.83	1.10	1.514	6.046	0.25
Quissamã	740	346	3.66	1.71	394	1.086	0.36
São F. de Itabapoana	833	440	2.01	1.06	393	1.273	0.31
São Fidélis	343	355	0.91	0.95	-12	698	-0.02
São João da Barra	1.803	593	5.51	1.81	1.209	2.396	0.50

Fonte: Microdados da amostra Censo Demográfico de 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Notas: Pessoas de 5 anos ou mais. Data fixa (2005/2010)

Analisando o fluxo migratório de data fixa intramesorregião (Tabela 8), pode-se observar que os principais destinos dos residentes de Campos dos Goytacazes em julho de 2005 foi Macaé e que Macaé foi o município que mais atraiu imigrantes na região.

Tabela 8 – Matriz de fluxos migratórios de data fixa (2005/2010), de origem e destino intramesorregião no Território da Cidadania Norte – RJ

Município de residência em 31 de julho de 2010	Município de residência em 31 de julho de 2005									Total
	Carapebus	Campos dos Goytacazes	Cardoso Moreira	Conceição de Macabu	Macaé	Quissamã	São Francisco de Itabapoana	São Fidélis	São João da Barra	
Carapebus	0	141	0	49	756	33	0	6	0	985
Campos dos Goytacazes	0	0	238	88	670	97	245	195	498	2.031
Cardoso Moreira	0	227	0	0	5	0	0	20	0	252
Conceição de Macabu	35	68	0	0	385	0	0	0	13	501
Macaé	174	2.778	21	368	0	144	175	76	44	3.780
Quissamã	20	387	0	27	254	0	0	47	5	740
São Francisco de Itabapoana	0	736	19	0	24	10	0	11	33	833
São Fidélis	0	230	0	0	104	9	0	0	0	343
São João da Barra	0	1.637	0	24	68	53	20	0	0	1.802
Total	229	6.204	278	556	2.266	346	440	355	593	11.267

Fonte: Microdados da amostra Censo Demográfico de 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

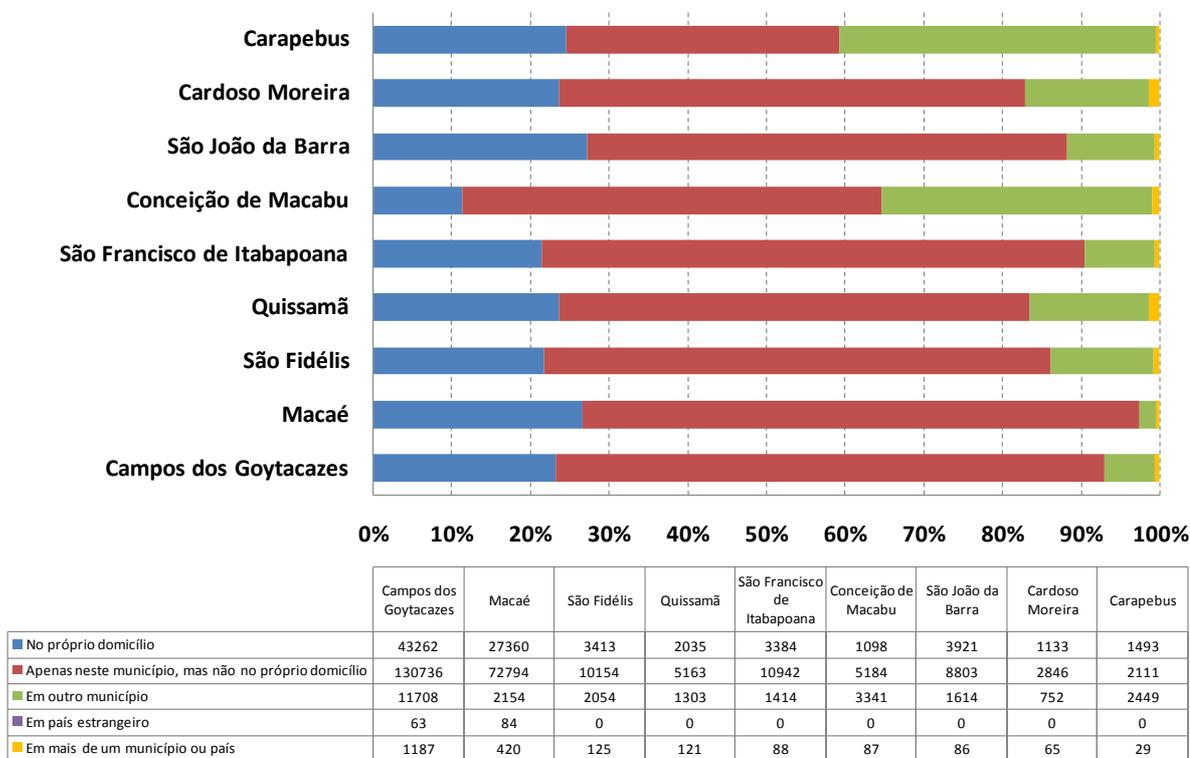
Notas: Pessoas de 5 anos ou mais. Data fixa (2005/2010)

Deste modo, foi possível observar o recente fluxo de migrantes dentro do estado do Rio de Janeiro e dentro da mesorregião Norte Fluminense. A região Norte mostrou ser uma região de fluxo de migrantes na escala intraestadual. Considerando o fluxo dentro da mesorregião, o município de Macaé desponta como pólo de atração de migrantes enquanto o município de Campos dos Goytacazes como região de evasão de migrantes.

Os movimentos pendulares na Região Norte Fluminense

As recentes transformações sofridas pela região Norte Fluminense, também afetaram a dinâmica interna do mercado de trabalho. Apesar da maior parte dos trabalhadores exercerem suas atividades no próprio município (Gráfico 2), existem municípios que apresentam elevado percentual de residentes que trabalham em outro município, o que é o caso de Carapebus e Conceição de Macabu, municípios fronteiriços a Macaé. Cabe ressaltar que os trabalhadores residentes nestes municípios que não trabalham no município de residência, em sua maioria trabalham em municípios da própria região Norte (Gráfico 3), e em sua maioria trabalham em Macaé (Tabela 9).

Gráfico 2- Local de trabalho dos residentes da Região Norte Fluminense, ano 2010

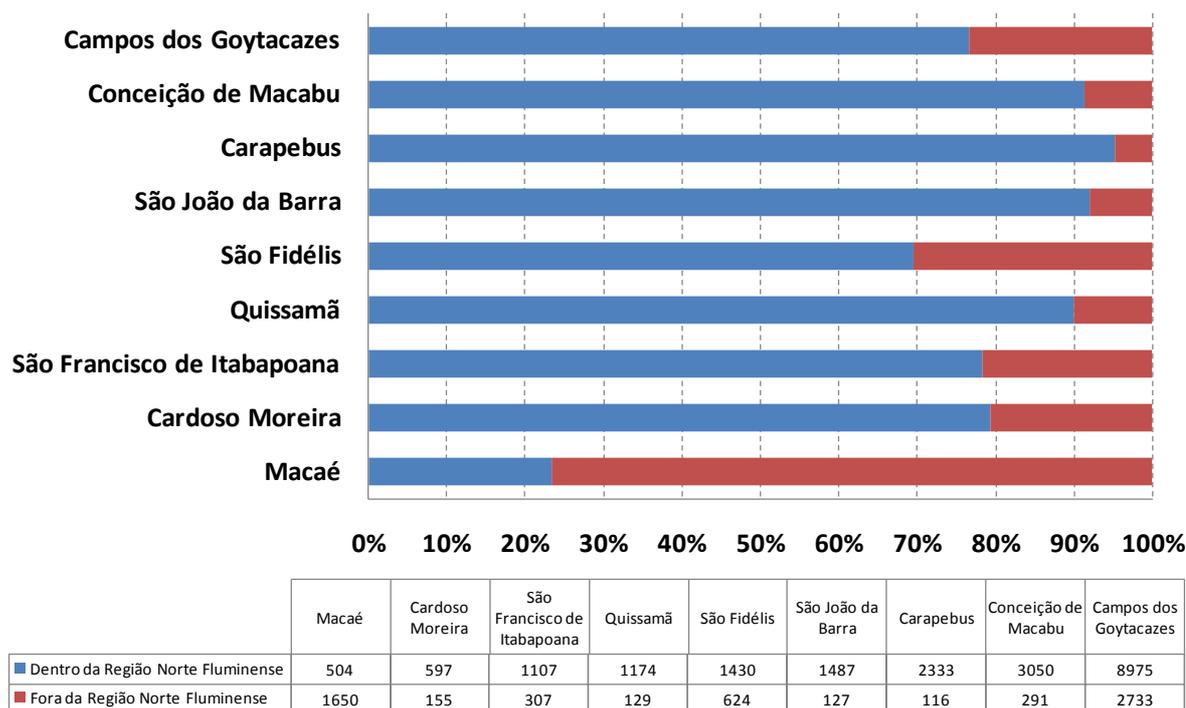


Fonte: Microdados da amostra Censo Demográfico de 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Notas: Pessoas de 10 anos ou mais.

Exceto Macaé, todos os municípios da região Norte Fluminense possuem a maior parte dos trabalhadores que trabalham fora do seu município de residência, trabalhando em municípios pertencentes a mesorregião. Já Macaé apresenta uma dinâmica inversa, porém, trata-se de um percentual muito pequeno dos trabalhadores de Macaé, conforme apresentado no Gráfico 2, visto que a maior parte exerce suas atividades laborais na própria cidade.

Gráfico 3- Local de trabalho para os residentes da Região Norte Fluminense, que também trabalhavam na Região Norte Fluminense, ano 2010



Fonte: Microdados da amostra Censo Demográfico de 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Notas: Pessoas de 10 anos ou mais.

O município de Macaé é o que mais atrai trabalhadores dentro da região Norte (Tabela 9. A maior parte dos trabalhadores atua em áreas de vinculadas a indústria do petróleo e na construção civil (Tabela 10), atraídos pelo acelerado crescimento populacional que a cidade registrou (Tabela 3).

Tabela 9 – Matriz de fluxos para trabalho, de origem e destino intramesorregião no Norte Fluminense – RJ

Município de residência	Município que trabalha									Total
	Carapebus	Campos dos Goytacazes	Cardoso Moreira	Conceição de Macabu	Macaé	Quissamã	São Francisco de Itabapoana	São Fidélis	São João da Barra	
Carapebus	0	33	0	13	2227	60	0	0	0	2333
Campos dos Goytacazes	21	0	156	64	6573	203	511	74	1374	8976
Cardoso Moreira	0	357	0	0	197	9	6	23	5	597
Conceição de Macabu	29	156	0	0	2722	135	0	7	0	3049
Macaé	45	351	0	40	0	59	0	0	8	503
Quissamã	148	197	0	7	817	0	0	6	0	1175
São Francisco de Itabapoana	0	643	0	0	415	0	0	0	49	1107
São Fidélis	0	778	11	0	585	24	32	0	0	1430
São João da Barra	0	1230	0	0	207	21	30	0	0	1488
Total	243	3745	167	124	13743	511	579	110	1436	20658

Fonte: Microdados da amostra Censo Demográfico de 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Notas: Pessoas de 10 anos ou mais.

Tabela 10 – Atividade econômica dos residentes e trabalhadores do Norte Fluminense, que trabalham fora do município de dormitório, ano 2010

	Município que trabalha									Total
	Carapebus	Campos dos Goytacazes	Cardoso Moreira	Conceição de Macabu	Macaré	Quissamã	São Francisco de Itabapoana	São Fidélis	São João da Barra	
AGRICULTURA, PECUÁRIA, PRODUÇÃO FLORESTAL, PESCA E AQUICULTURA	11	121	18	11	43	26	96	5	33	364
INDÚSTRIAS EXTRATIVAS	0	361	0	0	3542	10	22	0	50	3985
INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO	16	251	0	0	1431	35	38	3	94	1868
ELETRICIDADE E GÁS	0	48	0	0	49	0	0	0	0	97
ÁGUA, ESGOTO, ATIVIDADES DE GESTÃO DE RESÍDUOS E DESCONTAMINAÇÃO	0	24	0	0	34	5	0	11	31	105
CONSTRUÇÃO	4	331	11	11	1271	10	0	23	240	1901
COMÉRCIO; REPARAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS	21	403	11	23	950	18	10	6	62	1504
TRANSPORTE, ARMAZENAGEM E CORREIO	15	330	0	10	918	36	27	0	212	1548
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	5	60	0	0	399	0	0	0	64	528
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	0	9	0	0	246	0	0	0	0	255
ATIVIDADES FINANCEIRAS, DE SEGUROS E SERVIÇOS RELACIONADOS	0	57	20	16	91	12	10	0	12	218
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS	0	20	0	0	15	0	0	0	0	35
ATIVIDADES PROFISSIONAIS, CIENTÍFICAS E TÉCNICAS	5	93	0	0	284	11	24	10	30	457
ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E SERVIÇOS COMPLEMENTARES	0	72	0	0	508	21	9	0	10	620
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	69	445	59	15	753	122	167	0	284	1914
EDUCAÇÃO	64	354	11	24	513	69	48	33	148	1264
SAÚDE HUMANA E SERVIÇOS SOCIAIS	33	294	22	10	262	71	115	9	98	914
ARTES, CULTURA, ESPORTE E RECREAÇÃO	0	18	0	0	24	24	0	0	0	66
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	0	38	0	0	141	0	0	0	0	179
SERVIÇOS DOMÉSTICOS	0	164	0	4	293	0	0	0	21	482
ATIVIDADES MALDEFINIDAS	0	254	14	0	1979	41	11	9	46	2354
Total	243	3747	166	124	13746	511	577	109	1435	20658

Fonte: Microdados da amostra Censo Demográfico de 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Notas: Pessoas de 10 anos ou mais.

Considerações finais

Com os resultados apresentados foi possível observar o recente fluxo de migrantes dentro do estado do Rio de Janeiro e dentro da mesorregião Norte Fluminense. Os principais resultados obtidos foram que a mesorregião Metropolitana do Rio de Janeiro, através do Índice de Eficácia Migratória, mostrou ser uma região de evasão de migrantes, já a região das Baixadas, mostrou ser uma expoente região de absorção de migrantes no período 2005/2010.

A região Norte, mostrou-se ser uma região de fluxo de migrantes, na escala intraestadual. Considerando o fluxo dentro da mesorregião, o município de Macaé desponta como pólo de atração de migrantes enquanto o município de Campos dos Goytacazes como região de evasão de migrantes.

Estes resultados podem ser devido as mudanças recentes na atividade econômica no Norte Fluminense, onde o município de Campos, apesar de historicamente ser o mais importante, não tem acompanhado a dinâmica de desenvolvimento que se instalou a partir da chegada da indústria petrolífera. Esta conclusão é a mesma encontrada por diversos autores (Pires Neto e Ajara, 2006; Silva, 2006; Silva e Tavares, 2013).

O incremento do dinamismo econômico do município de Macaé extravasa seus limites oficiais, e já pode ser notado nas regiões do entorno, em função da dinâmica regional dos investimentos, que dinamizam a economia alterando custos de vida e o preço dado em função das características locais da terra. No entorno as possibilidades de moradia são maiores, enquanto Macaé continua polarizando as opções de trabalho.

Apesar da maior parte dos trabalhadores exercerem suas atividades no próprio município em que residem, municípios como Carapebus e Conceição de Macabu, fronteiriços a Macaé, despontam como opção de moradia. A maior parte dos trabalhadores atua em áreas de vinculadas a indústria do petróleo e na construção civil.

Nesse sentido Macaé apresentação como um pólo centralizador regional de absorção tanto de migrantes e de postos de trabalho.

Bibliografia

- BAENINGER, R. **Migrações internas no Brasil século 21: evidências empíricas e desafios conceituais**. In: CUNHA, J. M. P (org.) Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Campinas, NEPO/UNICAMP, 2011.
- BILSBORROW. **Temas metodológicos claves em el estudio de la migración em países em desarrollo: teoría, recolección de datos y políticas**. In: CUNHA, J. M. P (org.) Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Campinas, NEPO/UNICAMP, 2011.
- BRITO, F. **Urbanização, metropolização e mobilidade espacial da população: um breve ensaio além dos números**. Taller Nacional sobre “Migración interna y desarrollo en Brasil: diagnóstico, perspectivas y políticas”, Brasília, 2007.
- GERMANI, G. (1974). **Sociologia da modernização: estudos teóricos, metodológicos e aplicados a América Latina**. São Paulo, Mestre Jou, 1974.
- GOLGHER, A. B. **Fundamentos da migração**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- IBGE. **REGIC 2007**. Rio de Janeiro-RJ, 2009.
- LEE, E. S. **Uma teoria sobre a migração**. 1966. In: MOURA, H. A. (org.) Migração interna, textos selecionados. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980.
- TODARO, M. P. **A migração da mão-de-obra e o desemprego urbano em países Subdesenvolvidos (1969)**. In: MOURA, H. A. (org.), Migração interna: textos selecionados, Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980.
- MATOS, R. **Migrações internas: aspectos teóricos e considerações sobre o caso brasileiro**. In: MATOS, R. Geografia da população. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2011.
- MEDEIROS JUNIOR, H. **Desconcentração econômica e atratividade regional no estado do Rio de Janeiro entre 2000 e 2010**. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, v. 1, p. 23-52, 2013.
- PATARRA, N. L. **Movimentos migratórios no Brasil: tempos e espaços**. Textos Para Discussão Ence, Rio de Janeiro, v. 7, p. 1-55, 2003.
- PIRES NETO, A. F.; AJARA, C. **Transformações recentes na dinâmica sócio-espacial do Norte Fluminense**. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú/MG, 2006.
- RAVENSTEIN, E. G. **As leis das migrações**. 1885. In: MOURA, H. A. (org.) Migração interna, textos selecionados. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980.
- RIGOTTI, J. I. R. **Técnicas de mensuração das migrações a partir de dados censitários - aplicação aos casos de Minas Gerais e São Paulo**. Tese do Doutorado em demografia, Orientador: José Alberto Magno de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil. 1999.
- SANTOS, M. A.; BARBIERI, A.; CARVALHO, J. A. M.; MACHADO, C. J. **Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias**. Texto para discussão n° 398, CEDEPLAR/UMG, Belo Horizonte, 2010.
- SILVA, E. T. **Mercado de trabalho em municípios do Norte Fluminense: a participação de homens e mulheres**. Dissertação apresentada ao programa de

mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE), 2006.

SILVA, E. T.; TAVARES, J. M. S. **Organização Territorial e movimentos pendulares no Norte Fluminense na década de 2000.** Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento (RBPD), v. 2, n. 1, p. 121-134, jan/jun. 2013.

SINGER, P. **Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estado.** In: MOURA, H. A. (org.) Migração interna, textos selecionados. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980.

UNITED NATIONS. **Manual VI: Methods of measuring internal migration.** Population Studies No. 47, UN Department of Economic and Social Affairs, New York, UN, 1970.